

ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA:

A chria na pedagogia retórica

BELMIRO FERNANDES PEREIRA
(Univ. do Porto)

63

Houvesse tempo e acataria as recomendações de Quintiliano (10.1.46), começando pelo princípio, pelo mestre da *sententia* (*idem*, 10.1.50). Com efeito, à ideia de história, que já em Heródoto e Tucídides se corporiza na palavra e na acção, horizonte que Cícero reduzirá, em clave retórica, à *rerum gestarum expositio* (*De oratore*, 2.51-64), não será estranha a concepção heróica da *Iliada*, nem a famosa imparcialidade homérica. «Para isso me enviou», relembra Fénix a Aquiles (*Iliada*, IX, 442-443), «a fim de eu te ensinar tudo isto, a saber fazer discursos e a praticar nobres feitos»¹. O valor que merece *commemoratio* provém, pois, do agir e do dizer, como bem frisa uma das *chriae* mais revisitadas da literatura antiga, aquela que no *Pro Archia* nos põe diante dos olhos Alexandre, junto ao túmulo de Aquiles, a invejar-lhe a sorte, por ter tido em Homero o pregoeiro do seu valor (*Pro Archia*, X, 24).

Depois da *Retórica a Alexandre*, manual onde se registará a mais antiga ocorrência do termo *progymnasmata*, os estudos retóricos desenvolveram-se sobretudo na perspectiva técnica ou prescritiva. Durante o período helenístico, a *melete*, o exercício oratório elaborado a partir de um tema proposto pelo mestre, torna-se o método preferido dos retores. Já na época romana, a sofisticação das práticas pedagógicas culminará com os autores da Segunda Sofística, responsáveis também pelo progresso da teoria retórica e literária².

Na verdade, a formulação mais completa da doutrina da *chria* deve-se a Téon, Hermógenes e Aftónio, três autores dos sécs. I, III e IV que para sempre ficarão associados. Os preceitos de Hermógenes passarão ao Ocidente na versão de Prisciano;

¹ Recorro, com a devida vénia, à versão de M. H. Rocha Pereira, *Hélade*, Coimbra, 7 (1998), p. 28. Sobre as relações entre retórica e história na cultura antiga vd. A. J. Woodman, *Rhetoric in Classical History*, London, Routledge, 1988.

² Vd. E. Bowie, «Greeks and Their Past in the Second Sophistic», *Past and Present* 46 (1970), pp. 3-41; G. Bowersock (ed.), *Approaches to the Second Sophistic*, University Park (PA), American Philological Association, 1974; R. Enos, «The Effects of Imperial Patronage on the Rhetorical Tradition», *Communication Quarterly* 25 (1977), pp. 3-10; J. Bompaire, «La Seconde Sophistique: Crise ou renaissance littéraire?», *BAGB* (1981), pp. 161-162; G. Rocca-Serra, «Bibliographie de la Seconde Sophistique», *Positions de la Sophistique*, ed. par B. Cassin, Paris, Vrin, 1986, pp. 301-314; E. Bowie, «Greek Sophists and Greek Poetry in the Second Sophistic», *ANRW* II.33.1 (1989), pp. 209-258; A. Michel, «Rhétorique et philosophie au second siècle ap. J.-C.», *ANRW* II. 34. 1, pp. 3-78; G. Anderson, *The Second Sophistic*, London, Routledge, 1993.

nos autores latinos, outras referências à *chria* encontram-se também em Quintiliano (1.9.4), Sêneca (*Epist.* 4.33.7) e Santo Isidoro (2.11.1)³.

No passo do *Pro Archia* que há pouco evoquei temos uma das suas espécies mais típicas e complexas. Na forma mais simples, enquanto expressão finita da *sententia*, consiste a *chria* na atribuição de uma máxima a um sujeito histórico, processo que valida do ponto de vista prático um enunciado universal. Mas a *chria* ou *usus* apresenta quer uma acção quer uma sentença e, combinando ambas, também pode ser de género misto. As *chriae* de factos provam o valor de uma *sententia* transformando-a em acto. Já as *chriae orationales* distinguem-se pela forma e são interrogativas ou enunciativas. Estas reconhecem-se pelo uso de verbos declarativos, *inquit, dixit, dicere solebat*, que, em discurso directo ou indirecto, colocam a *sententia* na dependência de um sujeito, enunciação que tanto surge descontextualizada como desenvolvida pela descrição das circunstâncias, da perístasiç. No caso referido do *Pro Archia* ciceroniano emprega-se tal formulação retórica, muito comum seja nos textos literários, seja nos exercícios escolares. A uma ou várias proposições circunstanciais, em grego geralmente o particípio ἰδὼν, em latim uma oração temporal ou temporal-causal, segue-se a resposta do πρόσωπον (a 'personagem' do teatro) introduzida pelo verbo declarativo. Este esquema submetido a um processo de *amplificatio*, que se pode realizar de vários modos, permite estender a *chria* da concisão da sentença à pequena narrativa da *commemoratio*.

Ora, tão importante quanto o êxito literário da *chria*, foi talvez, pelas conseqüências culturais, a sua fortuna pedagógica. O II volume do *corpus* das *chreiai* da retórica grega, recentemente editado por Ronald Hock e Edward O'Neil (*The Chreia and Ancient Rhetoric*, vol. II: *Classroom Exercises*, Atlanta, Society of Biblical Literature, 2002), é a tal propósito muito elucidativo. Esta colecção, que oferece o original grego, tradução e comentário de 36 textos escolares encontrados no Egipto em fragmentos de papiro, testemunha o uso efectivo da *chria* em todos os níveis de ensino. Reflectindo a orientação pedagógica seguida nas escolas gregas, tais cadernos de exercícios mostram como não se pode ignorar a importância da *chria* nos estádios mais elementares do ensino da leitura e da escrita, se se quiser compreender a sua incidência na fase mais avançada da educação retórica⁴. Logo na aprendizagem das primeiras letras começavam os alunos por conhecer nomes da literatura e da mitologia, da história e da filosofia que gradualmente eram identificados através de *chriae*, cada vez mais complexas, por vezes não isentas de sentido humorístico, ainda que pesado ou chocante para o leitor

³ Vd. H. Fischel, "Studies in Cynicism and the Ancient Near East: The Transformation of a Chria", *Religions in Antiquity*, ed. by J. Neusner, Leiden, E. J. Brill, 1968, pp. 372-411; D. Patte, "Kingdom and Children: Aphorism, Chreia, Structure", *Semeia* 29 (1983), pp. 1-130; L. Silberman, "Schoolboys and Storytellers: Some Comme New Testament Studies on Aphorisms and Chriae", *Semeia* 29 (1983), pp. 109-115; M. Alexandre Jr., "A elaboração de uma *Chreia* no código hermenêutico de Filon de Alexandria", *Euphrosyne* 14 (1986), pp. 77-87; J. Butts, "The Chreia in the Synoptic Gospels", *Biblical Theology Bulletin* 16 (1986), pp. 132-138; *idem*, "The Voyage of Discipleship: Narrative, Chreia and Call Story", *Early Jewish and Christian Exegesis*, ed. by W. Stinespring, Atlanta, Scholars Press, 1986; *idem*, *The Progymnasmata of Theon*, Claremont (CA), Claremont Graduate University, 1987; V. Robbins, "The Chreia", *Greco-Roman Literature and the New Testament*, ed. by D. Aune, Atlanta, Scholars Press, 1988, pp. 1-23; B. Mzck, "Anecdotes and Arguments in New Testament Studies: The Chreia in Antiquity and Early Christianity", *Occasional Papers for the Institute for Antiquity and Christianity* 10 (1987), pp. 1-48; M. Heath, *Hermogenes 'On Issues'*, Oxford, Clarendon Press, 1996; R. Hock – E. O'Neil, *The Chreia in Ancient Rhetoric*, vol. I-II, Atlanta (GA), Scholars Press, 1986-2002 [prevê-se um vol. III com comentários e escólios da tradição bizantina].

⁴ Aos estudos de referência de H. I. Marrou e S. Bonner, importa acrescentar os contributos de R. Criboire, *Writing, Teachers, and Students in Graeco-Roman Egypt*, Atlanta, Scholars Press, 1996, e de T. Morgan, *Literate Education in the Hellenistic and Roman Worlds*, Cambridge, Cambridge University Press, 1998. *eadem*, "Literate education in Classical Athens", *Classical Quarterly* 49 (1999), pp. 46-61.

moderno, contradizendo a ideia feita de que o ensino elementar pretendia inculcar austeros valores morais. Várias são as *chriæ* de conteúdo racista ou misógino que aí figuram atribuídas a Diógenes.

Mas, recenseada a teoria antiga da *chria*, avancemos para o período do Renascimento, para observarmos como a doutrina foi recebida e aplicada em Portugal nos sécs. XV e XVI.

Embora tenham beneficiado de transmissão ininterrupta, graças à versão de Prisciano, os *præexercitamenta* de Hermógenes não lograram êxito igual ao que alcançou a sua teoria dos tipos de estilo, dada a conhecer no Ocidente por Jorge de Trebizonda. De facto, depois da edição aldina dos *Rhetores Graeci*, feita em 1508, foram sobretudo os *Progymnasmata* de Aftónio que concitaram interesse⁵. Os méritos pedagógicos das catorze *præexercitationes* deram-lhe reputação entre os humanistas⁶. As versões latinas de Natale Conti, Agrícola-Cattaneo, de Francisco Escobar, Camerarius e Heinsius permitiram que a obra de Aftónio se expandisse por toda a Europa, projecção favorecida pela menção elogiosa que lhe fez Erasmo no *De ratione studii* (1512) e incrementada pelo copioso comentário publicado em 1548 por Lorichius Reinhard, professor de retórica em Marburgo. Para os sécs. XVI-XVII, J. C. Margolin contou 86 edições dos *Progymnasmata*, dois terços das quais feitas na Alemanha e na França, preferência compreensível porque, como se sabe, foi entre os humanistas do Norte que a retórica bizantina mais audiência encontrou⁷. Ofereciam esses compêndios de exercícios, dirigidos à composição de textos, um modelo alternativo que levava vantagem do ponto de vista pedagógico sobre os manuais centrados na *inuentio* ou na *elocutio*⁸.

As teorias de Hermógenes e de Aftónio cedo se divulgaram também na Península Ibérica. Três anos depois de Aldo Manuzio ter editado os *Rhetores graeci*, sai a lume, na nova universidade de Alcalá, em 1511, o *Opus Absolutissimum rhetoricorum georgii trapezuntii cum additionibus herrariensis*. Introduzia-se assim a tradição helenística que há-de calar fundo na cultura hispânica tanto na tratadística em latim como na literatura em vernáculo⁹. O manual de Trebizonda repercute-se no *De arte dicendi* de Vives e na *Rhetorica* de Miguel de Salinas. A teoria estilística de Hermógenes é acolhida por Matamoros no *De tribus generibus dicendi*, no cap. X, intitulado *De uariis dicendi formis ex Hermogene*, onde acusa Trebizonda de ter deturpado a doutrina do autor grego. Circulavam também os exercícios retóricos de Téon na versão de Francisco de Vergara, catedrático de Grego em Alcalá. O autor mais difundido, no entanto, como de resto sucedia em toda a parte, era Aftónio. Corria nas traduções latinas de Rodolfo Agrícola, Cattaneo e Escobar, textos que suscitavam comentários como os do Brocense, de Juan de Mal Lara e Simón Abril. Inspirados no modelo grego, publicavam *præexercitamenta* Juan Pérez, Antonio Llull e Palmireno. Já o helenista valenciano Pedro

⁵ Dos *Rhetores graeci* regista Paul Brandes 17 exemplares em bibliotecas europeias e americanas, mas não refere nenhuma das espécies conservadas em Portugal (*A History of Aristotle's Rhetoric with a Bibliography of Early Printings*, Metuchen, Scarecrow Press, 1989 p. 94). Ora, na Biblioteca Pública Municipal do Porto guarda-se um exemplar (I-11-2) que foi da Livraria do Mosteiro de Santa Cruz.

⁶ O rol de Aftónio apresenta mais duas *exercitationes* do que o catálogo de Hermógenes.

⁷ Vd. J.-C. Margolin, «La Rhétorique d'Aphthonius et son influence au XVI^e siècle», *Colloque sur la Rhétorique*, ed. R. Chevallier, Paris, Belles Lettres, 1979, pp. 239-269.

⁸ Vd. B. Vickers, «Some Reflections on the Rhetoric Textbook», *Renaissance Rhetoric*, ed. by Peter Mack, New York, St. Martin's Press, 1994, pp. 81-102.

⁹ A este propósito, Luisa López Grigera escreveu: «Creo que uno estudio – o varios – sobre la presencia de Hermógenes en nuestro renacimiento y barroco puede ser capital», vd. «Introducción al estudio de la retórica en el siglo XVI en España», *Nova Tellus* 2 (1984), pp. 93-111, e A. M. Patterson, *Hermogenes and the Renaissance: Seven Ideas of Style*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1970.

Juan Núñez dava a público uma obra claramente hermogénica, as *Institutiones rhetoricae ex Progymnasmatis* (Barcelona, 1578). No declinar do séc. XVI compõem manuais deste género Juan de Guzmán, Bartolomé Bravo e Juan Luís de la Cerda, tratados que chegaram a ter alguma difusão até na América espanhola¹⁰.

Em Portugal, se foi extensa a influência de Trebizonda, sobretudo na renovação do ensino da lógica, não faltam indícios da circulação da literatura dos *progymnasmata*. Nas nossas bibliotecas conservam-se mais de uma dezena de exemplares quinhentistas tanto de Aftónio como de Hermógenes. Mas, além destes opúsculos, dispunham oradores e tratadistas de outras fontes para a teorização e uso da *chria*. Já na Antiguidade se tinham formado colecções de *chreiai*, género confinante da biografia, género de escopo ético ou moralizante. Assim se explica o interesse dos humanistas pelos *Caracteres* de Teofrasto e pela obra de Plutarco, pelos *Facta et dicta memorabilia* de Valério Máximo e pelas *Vitae* de Diógenes Laércio¹¹. Neste ponto, aliás, continuam os humanistas a tradição medieval de compilação de apotegmas e sentenças, ou de ditos e feitos, da história e literatura antigas, da literatura patrística e hagiográfica. Caso paradigmático de tal continuidade podemos vê-lo no trânsito escolar dos *Disticha Catonis*. Deste modo, não será de estranhar que no fundo antigo das bibliotecas nacionais se encontre um número elevado de espécies dessa natureza, miscelâneas de *excerpta*, *polyantaeae*, *siluae*, *flores*, *elegantiae*, *cornucopiae*, *margaritae*, colectâneas de *sententiae*, *adagia*, *loci* ou *chriae*¹². Dos *Ditos e feitos memoráveis* de Valério Máximo contam-se pelo menos 36 volumes, das *Vidas* de Laércio há no mínimo 18 exemplares.

Passemos agora a observar como foi recebida e aplicada a doutrina da *chria* num sermão de Martinho de Viana, numa *oratio* de Frei Jorge de Évora, na retórica de João Vaseu, nas *exercitationes* de António Pinheiro, na retórica eclesiástica de Frei Luís de Granada.

A 17 de Fevereiro de 1496 pregou Martinho de Viana perante o Papa Alexandre VI o sermão de Quarta-Feira de Cinzas¹³. Não é esta *oratio*, em rigor, um sermão temático, embora se repita, no começo do discurso, a fórmula usada na imposição das cinzas: «memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reuerteris» (*Gen.* 3, 19). Reverso de uma *oratio de hominis dignitate*, trata afinal este sermão o tema da condição hu-

¹⁰ Vd. M. Menéndez y Pelayo, *Historia de las ideas estéticas*, Madrid, CSIC, 1975, vol. II, pp. 145-191. e L. López Grigera, «Notas sobre Progymnasmata en la España del siglo XVI», *Humanismo y pervivencia del mundo clásico*, eds. J. M. Maestre Maestre, Cádiz, Universidad de Cádiz, 1993, pp. 585-590. *eadem*, «La retórica griega post-aristotélica en el siglo de oro», *La Retórica en la España del Siglo de Oro*, Salamanca, Ed. Universidad, 1994, pp. 69-83 e I. Osorio Romero, *Floresta de Gramática, Poética y Retórica en Nueva España (1521-1767)*, México, UNAM, 1980.

¹¹ Já nos sécs. VIII-IX retores bizantinos tinham incluído os *Caracteres* nas colecções dos textos de Hermógenes e Aftónio, para ilustrar as doutrinas do *ethos* e da *ethopoia*, vd. W. Fortenbaugh, «Theophrastus, the Characters and Rhetoric», *Peripatetic Rhetoric after Aristotle*, London, Transaction Publishers, 1994, pp. 15-35.

¹² Paradigmática deste espírito compilador é a *Cornu Copiae* de Niccolò Perotti (Veneza, Paganino de' Paganini, 1489). Os florilégios não só expurgavam os aspectos imorais dos clássicos e graduavam as dificuldades, como ordenavam os textos alfabeticamente. Muito divulgadas entre nós foram a *Margarita poetica* de Albrecht von Eyb e a *Polyanthea* de Domenico Nani Mirabelio. Curioso, por reunir vários opúsculos do género, é o volume de António de Nebrija intitulado *Libri minores* que traz ente outros títulos os *Catonis disticha Moralia*, os *Dicta Sapientum* e as *Sententiae insignes ex varijs autoribus collectae* (Granada, 1534, ex. na BPM do Porto, N-3-16). Em Portugal cultivaram o género, por exemplo, Francisco de Monçon e André Eborense. Vd. T. Cave, *The Cornucopian Text*, Oxford, Clarendon Press, 1979, M. Furno, *Le Cornu Copiae de Niccolò Perotti*, Genève, Droz, 1995, F. Goyet, *Le sublime du «lieu commun»*, Paris, Honoré Champion Éditeur, 1996.

¹³ Da *Oratio habita in die cinerum coram Alexandro VI* (Roma, S. Planck, 1496) conhecem-se poucos exemplares: BP de Évora, Inc. 59; BN de Roma, 70.7.B.14; Bibl. Vaticana, Barberini BBB. I. 23 (7); British Library, IA 19013, 19016; BN de Paris, Res. D. 10449.

mana dramaticamente presente em cada ser humano, tema bíblico de ricas ressonâncias patrísticas, que não deixa, no entanto, de constituir também, lembra o pregador, tópico humanístico, o «cognosce te ipsum» da inscrição do templo de Delfos¹⁴. A reflexão sobre a brevidade da vida, ilustrada com *exempla* da história antiga, transforma-se em meditação sobre a morte. Ora, é neste contexto que Martinho de Viana introduz, como prova argumentativa e ornato afectivo que amplifica a *sententia*, uma *chria* que desde Heródoto se empregava para representar a inanidade da glória e a caducidade das coisas terrenas. Para desenvolver a sentença *nihil certius morte*, evoca o pregador a *chria* de Xerxes, rei dos Persas:

«Embora nada seja mais certo que a morte, o homem desconhece o seu último dia e, quando menos pensa, é tirado do meio dos vivos. Por isso chorou Xerxes, o rei todo poderoso que arrasou os montes e cobriu os mares, depois que viu de um alto lugar enorme multidão de homens e um exército incontável, ao que consta porque nenhum daqueles que então avistava estaria vivo daí a cem anos. Ah! Pudéssemos nós subir a cume tão alto donde se avistasse a nossos pés a terra inteira. Mostrar-vos-ia os males de todo o orbe, povos contra povos e reinos contra reinos, uns sofrendo tormentos, outros o máximo castigo, uns a serem levados pelas ondas, outros arrastados à escravidão, aqui uma boda, ali um luto, aqueles a nascer, esses a morrer, uns a abundar de riquezas, outros a mendigar, e mostrar-vos-ia não o exército de Xerxes, mas os homens do mundo inteiro... Ah! morte cruel e maldita!»¹⁵

Se Viana contradiz aqui anteriores proclamações anti-retóricas, a *euidentia*, convém notar, constituía recurso comum de pregadores. Ora, esta *chria*, que usa a história como lugar argumentativo para confirmar uma máxima, encontrámo-la, como seria de esperar, em Heródoto (*Histórias* VII. 44-53). Mas foi por outra via que decerto se difundiu. De facto, basta cotejar o sermão de Viana com o texto de Valério Máximo, *Facta et dicta memorabilia*, 9.13, para entrever a fonte que resumiu o relato circunstanciado do historiador grego.

Também no *De ratione discendi Theologiam*, oração pronunciada por Fr. Jorge de Évora, no colégio da Costa, por 1542, se emprega a *chria*, além de variados *exempla* da história antiga, que se alargam até constituírem pequenas narrativas¹⁶. Recorre o orador a um dito e a um feito de Simónides, uma *chria* mista portanto, em que à

¹⁴ Martinho de Viana exorta a Cúria Romana à conversão e à reforma de vida. Embora também o faça noutros sermões, é neste que se mostra mais veemente. com certeza em atenção à liturgia, mas não só. Como bem assinalou John O'Malley, esta é apenas uma das orações *inter missarum solemnias* pronunciadas em 1496, que ajudam a entender a famosa 'conversão' do papa Borgia. Com efeito, depois do assassinato do duque de Gandia, Alexandre VI alterou a sua vida pessoal e imprimiu nova orientação ao seu pontificado. Em Junho de 1497 instituiu a comissão de reforma da Igreja que estará na origem da Bula *In Apostolica Sedis specula*. Os sermões de 1496 antecipam essa decisão do pontífice, vd. J. O'Malley, *Praise and Blame in Renaissance Rome*, Durham (NC), Duke University Press, 1979, pp. 216-226.

¹⁵ «(...) Cum nihil sit certius morte, ignorat tamen homo finem suum, cumque minus credit, de medio tollitur. Vnde Xerses ille rex potentissimus, qui montes subuertit, maria construit, cum de sublimes loco magnam hominum multitudinem et innumerabilem uidisset exercitum, flesse dicitur, quia post centum annos nullus eorum, quos tunc cernebat, superfuturus esset. O si possemus in talem ascendere speculam, de qua uniuersam terram sub nostris pedibus cerneremus, iam tibi ostenderem totius orbis ruinas, gentes gentibus et regnis regna collisa, alios torqueri, alios necari, alios absorberi fluctibus, alios ad seruitutem trahi, hic nuptias, ibi planctum, illos nasci, istos mori, alios afluere diuitiis, alios mendicare, et non Xerxis tantum exercitum, sed totius mundi homines (...) o saeva et maledicta mors!»

¹⁶ Vd. Cândido dos Santos, «Humanismo e Teologia nos Meados do Século XVI», *Arquivos do Centro Cultural Português* 11 (1975), pp. 507-553.

acção instrutiva se acrescenta a enunciação de uma *sententia* de resposta. Obedece a um esquema comum, *interrogatus ille... petiuit... inquit...* (Quintiliano, 1.9.4, Téon, 5). Tendo-lhe sido perguntado uma ocasião o que pensava acerca de Deus, Simónides pediu alguns dias para reflectir antes de dar uma resposta. Passado esse tempo pediu de novo um prazo, desta vez maior, acrescentando: quanto mais penso sobre Deus, menos sei. À reacção instrutiva sucede pois um enunciado que aplica circunstancialmente uma *sententia*, a resposta de Simónides podia ser formulada como uma máxima: *quo diuítius de Deo cogitatur, eo minus inuenitur*¹⁷.

Avancemos para a teoria retórica. João Vaseu, na *Collectanea Rhetorices*, às partes do discurso acrescenta uma secção sobre a *amplificatio*, enumerando os vários modos de a realizar e os *loci communes* mais convenientes¹⁸. É neste ponto, ao tratar dos *loci* que tornam a oratio *uehemens, iucunda et copiosa*, que Vaseu se refere pela primeira vez à *chria*. Os *loci*, como ensina Erasmo e recorda o autor, classificam-se em três tipos, podem ser colhidos em toda a espécie de virtudes, nas sentenças dos bons autores, finalmente, nos *dicta et facta* tratados por Aftónio¹⁹. Ainda não define *chria* nem a distingue da *sententia*, limita-se Vaseu a elencar os *loci* segundo o mestre grego.

Mas, quando a partir do fol. 39r se detém na *elocutio*, Vaseu regressa ao assunto. Depois das *uirtutes* e dos *uitia* da elocução, apresenta as figuras de palavra, os tropos, as figuras de pensamento, um elenco de *exornationes* que retira, como seria de esperar, da *Rhetorica ad Herennium*. Retorna, pois, à *sententia* e à *chria*. Da primeira diz que é *oratio sumpta de uita*, uma proposição formulada a partir da experiência humana, uma norma moral que indica o dever ser, mas, remetendo para Aftónio, não entra em mais detalhes (fols. 42r-v). Já quanto à *chria* mostra-se Vaseu menos parcimonioso. Embora próxima da sentença, *sententiae affinis est Chria*, apresenta uma diferença essencial: *semper personam requirit* (fol. 45r). E assim chega à definição positiva: a *chria* é a *utilis commemoratio* de um dito ou de uma acção atribuída a um certo sujeito. A noção de utilidade, *usus* lhe chama Prisciano, é portanto fundamental, prevalecendo a concepção didáctico-moralista que entende a história como *magistra uitae*. Seguidamente resume Vaseu as espécies de *chria* de Aftónio a três tipos principais: *chria uerbalis, chria actiua, chria mixta*. Para cada uma delas aduz exemplos hauridos em Quintiliano, Plutarco e Platão. A pretexto da doutrina da *chria*, percorre Vaseu a história da literatura greco-latina, para frisar, como o bispo de Hipona, a essencial compatibilidade entre a cultura antiga e a fé cristã. O tratamento da *sententia* e da *chria* ocupa os fols. 42r-47r, ou seja, onze páginas que tornam estas figuras sem dúvida os *schemata* mais desenvolvidos por Vaseu.

Há, porém, na *Collectanea rhetorices* ainda um terceiro apartado sobre a *chria*. Exposta a teoria dos tropos (fols. 52r-54v), passa Vaseu a recensar as figuras de pensamento. Ora, como está a seguir o livro IV da *Ad Herennium*, não pode deixar de referir de novo a *chria* a respeito da *expolitio*, visto que só naquele tratado latino se englobam várias figuras sob esta epígrafe. Há no entanto uma novidade: sobre esta figura de amplificação, tão do agrado dos pedagogos, por favorecer o exercício de reescrita e de reelaboração de um pensamento, Vaseu abandona a *tractatio* da *Ad Herennium* remetendo simplesmente para o *De copia rerum* de Erasmo²⁰.

¹⁷ Em Minúcio Félix (*Octávio*, 13), a acção passa-se entre Simónides e o tirano Hierão e termina desta forma: «quanto inquisitio tardior pergeret, tanto veritas fieret obscurior».

¹⁸ Sirvo-me do exemplar da BN de Lisboa com a cota Res. 2420 P: IOANNIS VASAEI BRV/gensis Collectanea/ Rhetorices/ In gratia eorum, qui grauioribus occupa/ti disciplinis, prolixiores ueterum cōmentarios euoluere non possunt./ ANNO M.D.XXXVIII.

¹⁹ *Ibidem*, fol. 27v-28r.

²⁰ Fol. 55v: «*expolitio* mihi uidetur esse Chria uel argumentatio constans quinque partibus, de utroque dictum, qui plura uolet petat ex Erasmo de copia rerum».

No mesmo ano em que Vaseu publicava o seu manual, saía dos prelos parisienses de Michel Vasconcelos o comentário de António Pinheiro ao livro III de Quintiliano. Três anos passados, em 1541, por ordem de D. João III, regressa Pinheiro a Portugal para desempenhar os cargos de capelão, pregador régio e mestre dos moços fidalgos. A proficiência oratória, o saber humanístico e a ambição do antigo bolsheiro de Santa Bárbara passam a estar ao serviço da coroa, tornando-se Pinheiro a partir de então uma figura omnipresente na corte portuguesa. De facto, ainda antes de ser nomeado preceptor do príncipe D. João, já António Pinheiro procurava exercer tal ofício junto da Infanta D. Maria (1527-1545), a filha de D. João III que em 1543 casou com Filipe II. Para ela compôs António Pinheiro umas *Grammaticae exercitationes*, que se encontram num códice da BN de Madrid (ms. 6498). Este opúsculo, que terá sido composto entre o regresso de Pinheiro de Paris e a partida da Infanta para Castela, entre 1541-1543, foi dado a conhecer há muitos anos por Gómez Iglésias²¹. A obra é designada no prefácio e no corpo do texto de outras maneiras: *exercitamenta grammaticae, dicendi primordia, praeexercitamenta, progymnasmata*, expressões colhidas em Quintiliano. Com efeito, o manual de António Pinheiro constitui o desenvolvimento teórico e prático do capítulo IX do livro I da *Institutio Oratoria*, onde o autor latino recomendava alguns exercícios preparatórios a quem, tendo frequentado o ensino do *grammaticus*, ainda não estava sob a tutela do *rhetor*. Ora nessa propedêutica retórica o humanista português valoriza sobremaneira o exercício de composição escrita: a reelaboração de uma fábula, a conversão de poesia em prosa, que exemplifica com a *dissolutio* da ode 2.3 de Horácio, a substituição sinonímica, excelente para desenvolver a *copia* e a *uis dicendi*, as várias formas de paráfrase, género em que considera modelares Erasmo e Melanchthon, a *aetiologia*, a *sententia*, a *chria*. Extensamente trata Pinheiro a sentença acolhendo-se à autoridade de Quintiliano, embora não deixe de referir Hermógenes e Aftónio e alguns tecnógrafos latinos. Refere por razões pedagógicas apenas três géneros, mostrando as suas possibilidades de aplicação e os *loci* pertinentes. Mais sucinta é a *tractatio* da *chria*. Define-a nos termos de Quintiliano. Mas para ilustrar as suas três espécies socorre-se dos *dicta* de Isócrates, Demóstenes, Hesíodo e Teógnis que figuravam nos *progymnasmata* de Hermógenes.

Quem entre nós maior proveito tirou das doutrinas de Hermógenes foi Frei Luís de Granada, nos *Ecclesiasticae rhetoricae siue de ratione concionandi libri VI* (Lisboa, António Ribeiro, 1576)²². De facto, como Vaseu e Pinheiro, pertence o mestre dominicano ainda ao grupo daqueles que se habituaram ao convívio com o humanismo do Norte, que acolheram em maior ou em menor grau as teorias de Trebizonda e Agrícola, de Erasmo e Melanchthon. Não será pois de estranhar que o autor dominicano, como Luis Vives, tenha adoptado largamente a teoria dos tipos de estilo formulada por Hermógenes, nem que acolha em parte a pedagogia retórica da tradição bizantina. Transferindo os *officia oratoris* para a pregação, Frei Luís de Granada, no livro V, classifica as figuras de pensamento segundo esse critério. Distingue assim as figuras que convêm ao *docere* daquelas que visam *flectere* e *delectare*. Constituem esta segunda classe, que trata detidamente no cap. XIV, as seguintes dez figuras: *interrogatio, occupatio, praecisio, emphasis, dubitatio, concessio, adhortatio, sustentatio, ironia e exemplum*. Onde está a *chria*? Na última figura, que surpreendentemente engloba a *similitudo*: «exemplum est alicuius facti aut dicti praeteriti cum certi auctoris nomine

²¹ Vd. Agustín Gomez Iglésias, «Una lección de latín en el siglo XVI. El ms. 6498 de la Biblioteca Nacional». *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, 55 (1949), pp. 5-55.

²² Recorro ao ex. da BPM do Porto, com a cota Y'-2-31, e à edição de A. Hueriga, *Fray Luis de Granada: Retórica eclesiástica I-II*, Madrid, Fundación Universitaria Española, 1999.

propositio». O *exemplum* torna a *res ornatior, apertior, probabilior*, ou seja, *dilucida et uerisimilis*, porque gera a *perspicuitas* por via da *euidentia*. Não será esta a descrição mais adequada à *chria*? É que o *exemplum* é indutivo, subentende a sentença, a *chria*, pelo contrário, transfere a máxima para o domínio do contingente. Se assim for, embora haja certa contiguidade entre o *exemplum* e a *chria*, visto serem ambos mais finitos que a *similitudo* ou a *sententia*, verificar-se-á aqui uma flagrante derrogação da teoria tradicional.

Como quer que seja, até nesta oscilação de termos e conceitos se nos revela até que ponto um conhecimento sentencioso e moralizante precisa do dito e do feito para ganhar força persuasiva. «E a história, que é testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, que outra voz, que não seja a do orador, a torna imortal?»²³.

²³ Cícero, *De Oratore*, 2.9.36; cito a versão de M. H. Rocha Pereira, *Romana* 4 (2000), Coimbra, p. 28.